

REPRESENTAÇÕES DO MUNDO RURAL: TRADIÇÃO, MODERNIDADE E IDENTIDADE

Flávia Pereira Machado – PPG-UFG

terraliberdade@yahoo.com.br

Palavras-chave: *identidades, globalização, ruralidades, modernidade, tradição e representações.*

Percebendo as mudanças tanto em escala mundial, quanto na vida cotidiana com o processo de globalização, nos propomos a análise das transformações do mundo rural percebidas no confronto entre dois sistemas de mundo (tradicional x moderno). Neste sentido, tomamos como ponto de partida a obra de Mário Palmério “Vila dos Confins”, a fim de compreendermos as representações construídas por assentados rurais no forjamento de identidades coletivas e pessoais. Entrecruzamos, para tanto, modernidade e tradição, rural e urbano na interpretação das experiências cotidianas à luz das contribuições da História Cultural, em seu diálogo promissor com a Antropologia, Sociologia e Estudos Lingüísticos e Literários.

Considerando as inter-relações entre o local e o global a partir das transformações advindas do processo de globalização, centramos nossa discussão na construção de um novo contexto cultural camponês. Avançando, neste sentido, no amplo debate acerca das relações entre modernidade e tradição, a fim de interpretarmos o contexto em que emergem novas identidades no campo e novas representações acerca do mesmo.

Para tanto, nos referendamos em uma perspectiva micro-analítica que possibilita o enriquecimento da “*análise social tornando suas variáveis mais numerosas, mais complexas e também mais móveis*”ⁱ. Já que esta implica em uma redução da escala de observação, analisando os comportamentos na formação das identidades coletivas, assim como, a percepção da multiplicidade de experiências e representações sociais e culturais. Sendo assim, partimos de um “espaço” micro: o cotidiano dos assentados rurais do Projeto de Assentamento Nova Santo Inácio Ranchinho em Campo Florido – MGⁱⁱ na tentativa de analisarmos a possibilidade de constituição de uma “identidade camponesa”.

Considerando as múltiplas facetas em que se constrói o universo camponês, em que estratégias de sobrevivência material, cultural e simbólica são tecidas nas relações de trabalho, sociais e familiares visualizamos a interação deste espaço em movimento com um

espaço em construção, o “espaço global”. Definindo uma “nova ordem mundial” nos deparamos com um processo de interações globais de produtos culturais e materiais, informações e capitais, culminando em uma ruptura das fronteiras geográficas e culturais entre as regiões mais longínquas, ou mesmo entre culturas ancestrais com as sociedades ocidentais de consumo. Sendo este processo denominado “*globalização*”ⁱⁱⁱ.

Segundo Giddens^{iv} vivenciamos na contemporaneidade a emergência de uma sociedade “pós-tradicional”, demarcando processos de abandono, desincorporação e problematização da tradição, implicando em uma “*extraordinária – e acelerada – relação entre as decisões do dia-a-dia e os resultados globais, juntamente com seu reverso, a influência das ordens globais sobre a vida individual*” (ibid, p.75). No turbilhão da vida moderna^v as experiências se tornam paradoxais, já que a modernização se de um lado traz benefícios à espécie humana, por outro nos remete a incertezas relacionadas a própria existência humana: o “sentido do eu” que se torna fragmentário e descentrado. Culminando, neste sentido, no declínio de antigas identidades estabilizadoras do mundo social delineando uma “crise de identidade”. Novas identidades emergem neste contexto, demarcando o surgimento/ fortalecimento de particularismos e a “*invenção de tradições*”^{vi}. Ao mesmo tempo em que ocorre uma fragmentação das identidades nacionais, ocorre também a contrapartida percebida no surgimento de novas identificações nacionais e o fortalecimento dos nacionalismos.

A partir do pressuposto que as identidades são múltiplas, situacionais e posicionais a discussão em torno da constituição de uma identidade camponesa única se torna problemática em face da diversidade de situações, identificações e representações no mundo rural, e em suas inter-relações com o mundo urbano. O que nos remete à reflexão acerca da incorporação do mundo agrário no processo de modernização, assim como, das novas representações construídas no e sobre este, tecendo um novo universo cultural e simbólico camponês.

Interpretarmos o universo cultural e simbólico camponês nos remete a percepção do conflito entre dois sistemas de mundo: de um lado temos as estratégias de sobrevivência cultural e material tecidas no cotidiano de trabalho e de sociabilidade camponês, constituindo, assim, a “cultura tradicional camponesa”; por outro lado, o projeto modernizante com pretensões “civilizatórias” incorporando a técnica moderna ao trabalho e produção agrícola. Neste sentido, a análise do mundo agrário na contemporaneidade perpassa o entendimento das transformações e mediações travadas entre o “tradicional” e o “moderno” na constituição de um novo “mundo rural”.

Em sua sensibilidade literária^{vii} Mário Palmério em sua obra “Vila dos Confins”^{viii}, nos traz a confrontação entre duas visões de mundo ao configurar a vida e as características do caboclo e do roceiro em contraposição ao projeto modernizante e civilizatório representado pela incorporação de um novo modelo organizacional e produtivo (podemos citar como exemplo a abertura das grandes fazendas pelos paulistas, assim como, a figura do deputado Paulo Santos). Conforme podemos visualizar na citação abaixo:

Caboclo é fervoroso. Tanto que até se ofende se alguém lhe pede adjutório – que seja maneiro, à-toinha o serviço: o santo não perdoa, fica afrontado, castiga (...) Caboclo, então, faz de-nada? Exagero, implicância: trabalha, sim senhor. Faz filho – conta certa, de dois em dois anos: três crias de sete meses, mais o resguardo de lua entre uma e outra parição. E negocia, trama, biscateia. A velhacada, o caboclo começa a tecê-la de manhã, na hora do quenta-sol, capricha-a à fresca dum pau sombroso e a arremata à tardinha, passando o forte do calor.
(p. 132)

Evidenciando a religiosidade, as relações de trabalho e familiares do caboclo, Palmério se aproxima da análise da cultura tradicional caipira de Antonio Candido^{ix}. Este aponta como principal aspecto o equilíbrio entre grupo e meio, caracterizando uma vida social fechada com base na economia de subsistência. Sendo assim, a vida caipira se referencia em níveis mínimos de subsistência e vida social, ou seja, trava relações apenas no âmbito dos grupos de vizinhança e sua sobrevivência depende do equilíbrio com as

forças da natureza, o que ocorre devido as suas heranças culturais (contatos interétnicos entre indígenas e portugueses).

Neste sentido, analisarmos a cultura camponesa nos remete à percepção de uma tradição expressa na significação da terra enquanto sustentáculo das relações sociais centradas essencialmente na família e nas relações de parentesco e vizinhança. Implicando, segundo Woortmann^x, na estruturação de um universo camponês pautado na relação de interligação entre três categorias: terra, trabalho e família. Ocorrendo uma distinção no que tange as estratégias de significação destes três elementos, assim como, processos diferenciados de identificação.

Interagindo com os “eventos” de ordem global na segunda metade do século XX em que, conforme afirmamos, ocorre uma reestruturação das relações capitalistas de produção e consumo, o campo brasileiro é integrado ao “turbilhão” da vida moderna a partir do processo de “modernização”. Implicando na passagem de uma sociedade agrária tradicional para a incorporação desta ao sistema de produção capitalista, havendo uma identificação entre o processo de industrialização e o de urbanização. Segundo Kageyama^{xi} a principal transformação na agricultura brasileira se relaciona a transição do complexo rural para a dinâmica do Complexo Agro-Industrial (CAI), em que ocorre a substituição da economia natural por atividades agrícolas integradas à indústria^{xii}. Impulsionando a modificação das relações entre campo e cidade com a reorganização do espaço, havendo um novo impulso à urbanização. O que intensificou a dicotomia entre campo e cidade a partir da formação de agro-indústrias, uma (re) divisão regional do trabalho e uma maior importância do mercado interno^{xiii}. Estas transformações são visíveis na narrativa de um dos assentados do Projeto de Assentamento Nova Santo Inácio Ranchinho:

Pesquisador: Houve muitas mudanças no campo depois desses anos?

Entrevistado: Sim, e as mudanças que houve no campo, eu não sei se eu me considero, num sei se eu sou ou não atrasado, as mudanças que houve no campo, a tecnologia, o progresso em si para o homem do campo não foi bom. O progresso no campo só beneficiou os grandes empresários, só beneficiou quem se beneficiava do campo, mas que nunca foi

camponês, mas pra quem é da mão grossa, que pegava no cabo da enxada, plantava o seu próprio arroz, que tirava da terra o seu próprio sustento toda modificação que teve foi só pra atrapalhar. (Entrevista concedida em abril de 2005)

A chegada do “agronegócio” é sentida pelo homem do campo, reorganizando o seu espaço social e simbólico, reordenando as relações sociais travadas. A mudança na lógica operativa da vida camponesa se dá devido as alterações nas suas relações com a terra (novo sistema de arrendamento da terra e de usos da mesma), com o trabalho (assalariamento do camponês) e a família (a diminuição desta com o controle de natalidade, herança, entre outros). Passando de uma economia de subsistência em que se planta e cria para a sobrevivência, para uma economia de mercado em que se compra e vende os “mínimos vitais”. Desta forma, se evidencia a integração do mundo agrário ao sistema capitalista, remetendo a novas configurações no campo cultural, simbólico, econômico, social e político.

Contrapondo a visão progressista que aponta para o desaparecimento do rural em face do estreitamento de relações com o urbano, percebemos a incorporação dos elementos urbanos no universo camponês como parte do processo de resignificações e redefinições decorrentes das dinâmicas culturais. Ocorrendo, assim, não uma subordinação, mas a definição de relações de interdependência e influência mútua entre o rural e o urbano (Queiroz, op. cit.), sem que isto implique em “perda” de identidade, mas na constituição de novas identificações rurais e urbanas.

Partindo destas considerações, percebemos na complexidade do cotidiano dos assentados rurais da Projeto de Assentamento Nova Santo Inácio Ranchinho em Campo Florido-MG, a constituição de diferentes identidades “pessoais” e/ou individuais, percebidas através das narrativas orais, que apresentam representações diferenciadas sobre as experiências vivenciadas pelo grupo e dos “eventos” que demarcam a trajetória de vida dos mesmos. Conforme podemos visualizar na fala de um dos assentados:

Quando nós chegamos aqui o povo falava que nós era um bando de bandido, era bandido, era matador, assassino, ladrão, era isso (...) Hoje, totalmente, eles vêem nós diferenciado, eles vêem como uns campo-floridense e vê como pessoas igual eles mesmo e vê qual a importância dessa fazenda aqui, com a chegada nossa, pra Campo Florido. (...) Antes não produzia nada, então, hoje, a região nos vê totalmente ao contrário que eles nos viram na época que nós chegamos, então hoje nós somos considerados, por eles, considerados iguais a eles mesmos. Sempre tem algum, aonde tem mais de cem pessoas, vai ter um que vai continuar toda a vida achando aquilo e não muda, não muda nunca, mas Graças a Deus, hoje nós somos vistos como outras pessoas, como cidadãos também iguais a eles mesmos. (Entrevista concedida em julho de 2003).

Entendemos, neste sentido, as ações e práticas discursivas formuladas pelos assentados, tanto na luta pela terra, quanto na constituição do assentamento, enquanto articuladoras da (s) identidade (s). Estas são afirmadas pelo grupo em questão, em face às representações construídas pelo “outro”, aqui entendido como a sociedade que exclui e marginaliza o “sem terra”, estabelecendo assim, a marcação da diferença que se define como fundamental para a definição de identidade.

Desta forma, a análise da afirmação identitária dos assentados rurais em questão, é perpassada pela percepção do forjamento e/ou apropriação de uma tradição camponesa, a partir de suas práticas culturais, identificadas em diversos elementos presentes em seu cotidiano. Podemos visualizar estes mecanismos na articulação da Escola Família Agrícola (ao se basear no trabalho familiar e na interação entre a técnica agrícola “modernizante” e a tradição familiar camponesa), nas festas (um exemplo seria a comemoração do aniversário de ocupação da fazenda em 19 de maio, quando em 2003 articularam a Folia de Reis, se pautando em outra temporalidade, já que esta, tradicionalmente, ocorre entre dezembro e janeiro), na solidariedade no trabalho (com os mutirões).

Desta maneira, a articulação da identidade de assentado remete a apropriação da tradição, resignificando tanto esta, quanto os novos valores incorporados na relação com o “global”. O que implica na percepção do adentramento da “modernização” (através das novas técnicas agrícolas e relações de trabalho) no “espaço da tradição”, sem que ocorra a subordinação de uma pela outra.

A partir desta percepção, compreendemos a “retomada” da tradição (entendida como a produção familiar e os conhecimentos transmitidos oralmente pela família), assim como a preocupação em utilizar a memória (ao incorporarem em seu discurso, a necessidade de “lembrar” aos filhos a trajetória de luta dos pais), pelos assentados como a reordenação de materiais culturais visando a afirmação identitária. Ao mesmo tempo, a incorporação de novas relações de produção (técnicas agrícolas, mecanização da agricultura e relações de trabalho reorganizadas pela agroindústria) remete a “modernização”. Entendidos, a priori, como opostos, modernidade e tradição se adentram no assentamento, impondo aos assentados a resignificação destas a partir de sua própria realidade, implicando em uma interlocução entre estas.

i REVEL, Jacques (org.). Jogos de escalas: a experiência da micro-análise. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1998. (p. 23).

ii Segundo a narrativa de um dos líderes do assentamento, o grupo surgiu do “desespero” de trabalhadores rurais, explorados nas lavouras de algodão em Limeira D’Oeste – MG, reunidos em torno do Sindicato Rural deste município em 1989, aglutinando, inicialmente, cerca de 400 famílias, realizando, a partir de 1990, diversas ocupações de terra na região de Iturama-MG. Ocupações, despejos, repressão, violência marcam a trajetória do grupo até 1991, quando em definitivo ocupam a fazenda Santo Inácio Ranchinho em Campo Florido-MG, sendo esta desapropriada em 1993. Assim, a passagem de sem terra a assentado é marcada pelos conflitos em torno da posse da terra, das estratégias de luta e sobrevivência, assim como, dos movimentos políticos “dirigentes” do grupo.

iii Segundo Manuel Castells (2002, p. II) a globalização pode ser definida pelo estabelecimento de padrões comuns através da difusão de matriz produtiva, baseada nas novas tecnologias, apagando distâncias, havendo, por outro lado, reações locais que “nascem marcadas pela ampliação da comunicação e pelas novas práticas sociais”. Giddens (2002, p.27) afirma que o conceito de globalização “é melhor compreendido como expressando aspectos fundamentais do distanciamento entre tempo e espaço. A globalização diz respeito a intersecção entre presença e ausência, ao entrelaçamento de eventos e relações sociais ‘à distância’ com contextualidades locais”.

iv GIDDENS, Anthony. “A vida em uma sociedade pós-tradicional” in GIDDENS, A. BECK, U. LASH, S. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. SP: Ed. UNESP, 1997. (pp.73-133).

v BERMAN, Marshall. Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1986.

vi HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence. A invenção das tradições. SP: Cia. das Letras, 1994.

vii Recorremos à literatura por compreendermos a relevância desta na representação do mundo social e das experiências vividas. Neste sentido, entrecruzamos história e literatura já que tanto o texto histórico, quanto o ficcional comportam estratégias de veracidade e ficcionalidade, construindo uma idéia de realidade a partir da utilização do recurso “efeito de real”. Segundo Pesavento (1999) o “efeito de real” se refere à representação de um outro contexto através do imaginário, com diferentes níveis de aproximação com o real (comprometimento com as evidências da época).

viii Neste trabalho nos utilizamos da fonte literária com a obra de Mário Palmério, escrita em 1956 na região do Triângulo Mineiro, coincidindo com nosso locus de pesquisa. Outra fonte utilizada são as entrevistas realizadas no Projeto de Assentamento Nova Santo Inácio Ranchinho em julho de 2003 e abril/ maio de 2005.

ix CANDIDO, Antonio. Os parceiros do rio Bonito – estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 10ª ed. São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2003.

x WOORTMANN, Klaas. “A ética no trabalho camponês” in Seminário: Os desafios culturais no mundo do trabalho. Goiânia: Semana de Antropologia da Universidade Católica de Goiás, de 23 a 24 de abril de 2003.

xi KAGEYAMA, Ângela (coord.). “O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais” in DELGADO, Guilherme Costa. GASQUES, José Garcia. VILLA-VERDE, Carlos Monteiro (orgs.). Agricultura e políticas públicas. Rio de Janeiro: IPEA, 1986.

xii Partindo da oposição estabelecida por Robert Redfield entre sociedades camponesas, selvagens e industriais, Henri Mendras (1978) afirma que a inserção do camponês na sociedade industrial de “massa” o transforma em “agricultor” (o que não implica no desaparecimento das sociedades camponesas, visto que há a coexistência destas nas sociedades contemporâneas), cuja autonomia das coletividades locais é perdida ao submeter a produção agrícola ao mercado (mesmo que organizadas em empresas familiares). Consequentemente, ocorre o desaparecimento do auto-consumo, implicando na comercialização total da produção (ruptura entre consumo familiar e produção).

xiii Ver QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Dialética do rural e do urbano: exemplos brasileiros” in Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil: ensaios. RJ: Livros Técnicos e Científicos; SP: Ed. USP, 1978. (pp. 263-314).